

Angelita Alice Jaeger
Universidade Federal de Santa Maria

Silvana Vilodre Goellner
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo

Resumo: *Este texto analisa a relação entre a potencialização muscular e as representações de feminilidade que circulam em uma modalidade esportiva específica: o fisiculturismo. Ancora-se nos estudos culturais e em vertentes do feminismo pós-estruturalista, estabelecendo um diálogo com a teorização de Michel Foucault. As análises indicam que no esporte há um investimento para que as atletas preservem atributos culturalmente relacionados a uma representação de feminilidade normalizada. No entanto, essa recomendação não as interpela da mesma forma: algumas são capturadas por esse discurso, outras reagem e resistem indicando que uma arquitetura corporal muscularmente potencializada não estraga a mulher. Ao contrário, mostra-se como outra feminilidade, tencionando, portanto, as representações binárias de gênero.*

Palavras-chave: gênero; esporte; corpos; feminilidades; fisiculturismo.

Copyright © 2011 by Revista
Estudos Feministas.

“O mais assombroso, contudo, é comprovar que sempre houve mulheres capazes de sobrepor-se às mais penosas circunstâncias; mulheres criadoras, guerreiras, aventureiras, políticas, cientistas, que tiveram a habilidade e a coragem de escapar, quem sabe como, a destinos tão estreitos como um túmulo”

Rosa Montero, 2008, p. 17.

As práticas corporais e esportivas têm se mostrado, há muito tempo, como um espaço no qual se pode identificar a expressão de diferentes feminilidades.¹ Não é recente a aparição de mulheres cujos corpos e subjetividades tencionam representações culturalmente construídas para o feminino, o que não implica afirmar a

¹ O título do artigo está livremente inspirado em Maria de Lourdes BORGES, 2005.

inexistência de árduas demandas em busca de reconhecimento e aceitação.

Dentre as inúmeras práticas corporais e esportivas possíveis de observar tal afirmação, destaca-se o fisiculturismo, fundamentalmente, pela presença absolutamente visível das marcas que a potencialização muscular inscreve nos corpos das atletas e praticantes.

Desde meados do século XX a espetacularização e a disseminação do culto ao músculo atravessam diferentes classes sociais, idades, raças, sexos e culturas, e, diante dos investimentos contemporâneos na aparência, o músculo trabalhado, tonificado e volumoso assume uma posição central na construção de corpos cada vez mais elaborados e hipertrofiados. Tal investimento inscreve-se na exposição de contornos meticulosamente fabricados cuja exibição conta com o uso de diferentes artificios, tais como roupas justas, maquiagem, depilação e uso de colorantes corporais e adereços.

Ainda que bastante presente no cenário urbano, a potencialização muscular não é uma prática corporal isenta de interrogações e/ou receios, principalmente quando a musculação² e/ou o fisiculturismo³ são praticados por mulheres. Em diferentes artefatos culturais e mesmo na fala de mulheres e de homens, são recorrentes as preocupações em relação ao nível de extrapolação do volume muscular, que, não raras vezes, assume tons temerosos, pois é identificada como uma prática que pode colocar em questão a feminilidade de quem a vivencia.

Na esteira dessa representação as atletas e praticantes de fisiculturismo, ao construírem corpos que capturam olhares pelo volume muscular, são constantemente chamadas a investir em atributos que indiquem a garantia daquilo que os seus audaciosos corpos teimam em desestabilizar, ou seja, uma feminilidade normalizada inscrita numa representação singular de gênero.

Na contramão dessa perspectiva, buscamos, neste texto, visibilizar o corpo muscularmente potencializado como expressão de uma feminilidade não normalizada, ou seja, partimos do pressuposto de que essa arquitetura corporal coloca em tensão as representações binárias e biologizadas de gênero. Para tanto, analisamos as relações produzidas entre a potencialização muscular e as representações de feminilidades que emergem em discursos e imagens presentes no campo esportivo, mais especificamente, no entorno do fisiculturismo.

Para perseguir os fios condutores que permitiram tencionar essa temática, buscamos sustentação teórica e metodológica nos estudos culturais⁴ e em vertentes do feminismo pós-estruturalista, especialmente naquelas que

² Musculação é definida como “a execução de movimentos biomecânicos localizados em segmentos musculares definidos com utilização de sobrecarga externa ou o peso do próprio corpo” (Dilmar GUEDES, 2005, p. 8).

³ O fisiculturismo é uma modalidade esportiva que se sustenta no volume, na definição e na simetria muscular. A vertente feminina é constituída de quatro modalidades produzidas a partir de diferentes níveis de potencialização muscular. São denominadas, respectivamente, pela Federação Brasileira de Musculação (NABBA Brasil) e pela Confederação Brasileira de Culturismo e Musculação (CBCM) como physique ou culturismo, figure ou miss fitness e toned figure ou wellness.

⁴ Os Estudos Culturais têm buscado investigar as particularidades do contexto cultural, concebido como um campo de lutas em torno da significação social. Preocupam-se menos com definições unificadoras e mais com os processos de produção cultural. Também se caracterizam por se oporem aos campos disciplinares, assumindo características interdisciplinares e transdisciplinares (Richard JOHNSON, 2004).

dialogam com a teorização de Michel Foucault, mais especificamente, quando aborda a questão do discurso.

Para empreender tal análise, optamos por utilizar como fontes de pesquisa diferentes artefatos culturais que circulam no campo esportivo, mais especificamente aqueles que abordavam temáticas relacionadas à potencialização muscular e à disseminação da prática da musculação. Inicialmente produzimos um trabalho minucioso e extenso, garimpando diferentes materiais, tais como livros, revistas, enciclopédias, vídeos etc. Paralelamente a essa busca, debruçamos nossa atenção no meio virtual, fundamentalmente, através de alguns *sites* de atletas e instituições vinculadas ao fisiculturismo, de onde foram colhidos textos e imagens que subsidiaram o trabalho empírico desta pesquisa, realizado entre 2005 e 2009. Por fim, entrevistamos uma renomada atleta brasileira, além de assistirmos a alguns campeonatos amadores de fisiculturismo que aconteceram no Rio Grande do Sul.

Essa composição de reportagens, imagens, entrevistas, biografias, relatos e livros foi produzida tendo como prerrogativa a percepção de que as fontes de uma pesquisa não estão dadas. Ao contrário, é preciso colocá-las em diálogo, perguntar-lhes acerca do tema, fazê-las falar, enfim, extrair-lhes dizibilidades e visibilidades. Afinal, um documento, uma imagem, um artefato, uma entrevista, torna-se uma fonte de pesquisa porque alguém, a partir de um tema e uma questão, lhe conferiu voz.

A análise das fontes encontrou sua ancoragem nas conversações produzidas entre o falar e o ver, e dessa aproximação fizemos emergir algumas linhas de conexões, mas também rupturas ou atravessamentos que visibilizam os discursos e as representações que são produzidas e produzem o fisiculturismo. Emergindo em determinado campo do saber, articulando diferentes saberes e obedecendo a regras de funcionamento comum, “os discursos produzem uma *verdade* sobre os sujeitos [...] resultam num *saber* [...] traduzem-se em hierarquias que são atribuídas aos sujeitos e que são, muitas vezes, assumidas pelos sujeitos”.⁵

Os discursos são, antes de tudo, práticas sociais que envolvem relações de poder produzidas nos diferentes campos do saber e nas diferentes instâncias sociais. Como práticas sociais produzem posições de sujeito, desses lugares os indivíduos produzem suas experiências e as formas através das quais se reconhecem como sujeitos. Essas reflexões possibilitaram-nos compreender que os discursos e as representações dizem respeito a tempos e lugares específicos, instituindo as posições de sujeito que as mulheres fisiculturistas ocupam no esporte e fora dele. Também classificam, hierarquizam, nomeiam, excluem,

⁵ Guacira Lopes LOURO, 2003, p. 47, grifos da autora.

judgam, visibilizam e marcam os corpos dessas mulheres de diferentes modos e nas distintas instâncias sociais.

Não podemos esquecer que todos os sujeitos estão imersos num campo discursivo que é constituído em meio a relações de poder e saber, mutuamente implicadas. Os discursos instituem o que os sujeitos dizem, como dizem e em que condições podem dizer.⁶ Nesse sentido, colocam em funcionamento os efeitos de poder, os quais atravessam enunciados, falas, visibilidades, textos, imagens, sons que constituem discursos, práticas sociais e representações que estão permanentemente produzindo, reproduzindo e atualizando essas disputas. Em síntese, os artefatos culturais analisados apontam as circunstâncias de sua produção, narrando as histórias de sua época. Assim, os discursos e as representações produzidos na forma de dizibilidades e visibilidades acerca da potencialização muscular feminina enunciam as condições de produção desses corpos tanto no passado quanto no presente, possibilitando ver as permanências, as descontinuidades e as reafirmações produzidas em cada época e lugar.

Diante dessas afirmações, ao olharmos as diferentes fontes de pesquisa e as colocarmos em diálogo, percorremos as afirmações, as insistências e as dissonâncias que emergiram nas imagens e nas palavras que constituem o campo discursivo do fisiculturismo, o que nos possibilitou produzir algumas análises sobre a potencialização muscular feminina e a produção de suas feminilidades nessa modalidade esportiva. Assumimos, ainda, o caráter político que originou essa pesquisa ao buscarmos visibilizar corpos e subjetividades que desacomodam e fencionam representações de gênero. Nesse sentido, rejeitamos os rótulos que muitas vezes são colados aos corpos das mulheres praticantes de fisiculturismo, apontando, sobretudo, para a multiplicidade desses corpos que anunciam como plural a construção de feminilidades.

Músculo e feminilidade

A potencialização muscular e a produção de feminilidades mantêm uma intrincada relação que constitui, atravessa e marca de diferentes modos a construção da vertente feminina no fisiculturismo. Junto a essa problemática, desponta uma relação linear que envolve o volume muscular e as marcas de uma feminilidade normalizada inscritas nos corpos das mulheres. Essa vinculação horizontal produziu e constantemente faz renovar a seguinte questão: “quão musculosa a mulher pode estar e ainda ser feminina?”⁷ Essa temática adquire importância quando examinamos as históricas relações produzidas entre os homens, as mulheres e os esportes nos

⁶ Michel FOUCAULT, 2005.

⁷ Anne BOLIN, 2001, p. 149, tradução livre.

⁸ Silvana GOELLNER, 2003.

quais, grosso modo, ao corpo feminino excessivamente transformado pelo exercício físico e pelo treinamento contínuo são atribuídas características viris que não apenas questionam a beleza e a feminilidade da mulher, mas também colocam em dúvida a autenticidade do seu sexo.⁸

O fisiculturismo, como prática esportiva, constitui-se em um espaço generificado e, ao mesmo tempo, generificador de discursos, práticas e representações que posicionam, classificam e nomeiam os sujeitos atletas mulheres e homens. Na vertente feminina, possui quatro modalidades esportivas que, no Brasil, são coordenadas e organizadas por duas instituições: a Confederação Brasileira de Culturismo e Musculação (CBCM), que denomina as modalidades de culturismo, *body fitness*, *miss fitness* e *wellnes*; e a Federação Brasileira de Musculação (NABBA Brasil), que as identifica como *physique*, *figure*, *fitness* e *toned figure*.

Levando em conta essas distintas designações e aproximando as arquiteturas corporais que competem em cada uma dessas provas, podemos caracterizá-las do seguinte modo: a) nas competições da categoria *physique* ou culturismo disputam mulheres que possuem os corpos mais volumosos do fisiculturismo. Esta modalidade é considerada por algumas atletas como o topo do esporte, uma vez que são necessários muitos anos de treinamento e investimentos de todos os tipos para produzir esses corpos. Outras tomam essa modalidade como representação de uma construção extrema, indesejável e exacerbada do volume muscular; b) na *figure* ou *body fitness* o foco está na construção de uma arquitetura corporal detalhadamente mensurada em função daquela produzida na primeira categoria, ou seja, as mulheres precisam mostrar músculos potencializados que não podem ser tão volumosos nem tão estriados quanto os requisitados na modalidade *physique*/culturismo. Também é desejável que as atletas acentuem as suas feminilidades; c) da terceira possibilidade denominada *fitness* ou *miss fitness* participam atletas que apresentam uma musculatura moderadamente potencializada e definida e, ainda, precisam demonstrar em suas exibições movimentos que incidem sobre a aptidão física e destacar também as suas feminilidades; e d) as provas da *toned figure* ou *wellness* foram inseridas nas competições em 2008 com o objetivo de abrir espaços esportivos para aquelas mulheres que estavam interessadas no esporte, mas ainda não possuíam a potencialização muscular exigida nas outras categorias de competição. Correspondendo a essa indicação, essas atletas exibem uma arquitetura corporal com pouco volume e pouca definição muscular, sendo a beleza geral das mulheres um dos critérios mais valorizados nas competições.

Essas modalidades indicam que no fisiculturismo circulam corpos com diferentes volumes e desenhos musculares, razão pela qual produzimos a expressão “atletas da potencialização muscular”, pensando que ela pode contemplar essa multiplicidade de corpos que constitui o esporte, assim como pode remeter às mulheres que, como artesãs, constroem seus corpos para competir.

Com relação à aproximação entre a tonificação muscular e a feminilidade, desde a emergência dos primeiros campeonatos de fisiculturismo feminino na década de 1970, as mulheres atletas já viviam dilemas que envolviam essa relação, sendo constantemente assombradas pelo perigo da masculinização que ameaçava as representações e as posições de sujeito que ocupavam os seus corpos potencializados, tanto no esporte quanto fora dele. Em função dessa representação, muitas fisiculturistas foram e ainda são chamadas em diferentes momentos da cena esportiva a posicionarem-se a favor da potencialização dos seus corpos e, também, da defesa de sua feminilidade. Lisa Lyon, atleta vencedora do primeiro IFBB Women's World Pro Bodybuilding Championship, realizado em Los Angeles no mês de junho de 1979, afirmou naquele mesmo ano que a mulher podia ser forte, musculosa e ao mesmo tempo feminina. Tal discussão ainda se mantinha pulsante em 1998, quando a Ms. Olympia, Kim Chizevsky, declarou em entrevista que as pessoas precisavam começar a mudar suas visões sobre a mulher fisiculturista, visto que as atletas eram musculosas, mas também mulheres bonitas e femininas.⁹

⁹ BOLIN, 2001.

Os embates em torno dessa representação não ficaram restritos ao século passado, sendo renovados com diferentes nuances quando um fotógrafo especializado em registrar imagens de mulheres muscularmente potencializadas apontou, em um dos seus artigos, que o fisiculturismo enunciava outros modos de representar o que era “atraente, sexy e feminino nos corpos das mulheres”.¹⁰ Dizia ainda que a grande maioria das pessoas não percebia essas transformações culturais porque essas representações marcavam somente a elite do moderno fisiculturismo feminino. No entanto, no final daquele ano, a International Federation of Body Building (IFBB), instituição que estrutura o fisiculturismo mundial, emitiu uma declaração endereçada às diferentes categorias do fisiculturismo feminino justificando que preocupações com a estética e a saúde das atletas motivaram o documento que exigia que elas diminuíssem seu volume muscular. Essa determinação foi considerada um duro golpe para aqueles/as que, como Dobbins, cultivavam a ideia de que essas mulheres poderiam alargar de modo ilimitado as representações construídas acerca de seus corpos e de suas feminilidades no esporte.¹¹

¹⁰ BILL DOBBINS, 2004, p. 1.

¹¹ Quando a ilimitada potencialização muscular feminina deixou de render frutos à instituição que coordena o fisiculturismo mundial, mesmo após alguns arranjos, negociações e ajustes entre corpos e esporte, a própria IFBB traçou novos rumos ao fisiculturismo feminino ao exigir que as mulheres murchassem os seus músculos, determinação não extensiva aos homens atletas.

Esse discurso sugere que as atletas de fisiculturismo colocavam em dúvida uma 'imagem ideal de ser mulher', ao mesmo tempo que desestabilizavam um terreno criado e mantido sob o domínio masculino, cuja existência justificava-se pela anatomia do corpo e do sexo, atestando, desse modo, a superioridade dos homens em relação a elas. Os volumosos corpos de algumas dessas mulheres desassossegavam e, de certo modo, fissuravam representações dominantes de feminilidade. Dessas tensas relações começou ganhar protagonismo o discurso da interdição à potencialização muscular feminina ilimitada, conforme podemos identificar neste excerto: "Todas as mulheres que competem devem reduzir a sua massa muscular em 20% do estágio individual atual, além de uma busca pelo máximo de feminilidade possível, sob pena de perda de pontos na classificação geral em campeonatos".¹²

¹² Christiano GALBRAITH, 2005, p. 18.

Essa determinação, proferida em 2005, convocava as atletas a fazerem sobressair, afirmar e reafirmar em seus corpos os códigos convencionais de dada feminilidade. Ameaçadas de perderem pontos em suas disputas se não inscrevessem a pretensa verdade indubitável do seu sexo nos seus corpos, as atletas foram coagidas a enfraquecer o volume muscular. Para tentar atender a tal solicitação, arrumaram estratégias de potencializar a definição dos contornos de cada músculo investindo, sobretudo, no seu embelezamento para aparecerem em público, utilizando-se do requinte da toalete, que, a cada ano, se produz mais sofisticada e abrangente. Com isso estamos afirmando que, além da construção de uma arquitetura muscular volumosa, as atletas de todas as modalidades femininas do fisiculturismo dedicaram-se a cuidar meticulosamente da aparência, compondo uma silhueta que diluísse a ambiguidade dos seus corpos, ressaltando alguns atributos que conformam uma feminilidade normalizada.

Se, naquela época, a determinação da IFBB constituía-se aqui no Brasil como um horizonte distante, nos Estados Unidos ela já estava em plena ação, visto que as atletas não se preocupavam somente com a potencialização muscular em suas disputas. Elas também reservavam espaços para que cabeleireiros e maquiadores acentuassem na sua exterioridade os traços, as cores e as características de uma feminilidade discursivamente construída a partir das representações normalizadas que buscavam indicar como se apresenta uma 'verdadeira mulher'. Diante desse universo, alguns profissionais que até aquele momento não se interessavam pelo esporte passaram a constituir seu cotidiano preparando as atletas para 'entrarem em cena', o que, de certo modo, modificou o ambiente das competições, tornando-as mais espetaculares.

Em reportagem publicada na revista *Musclemag International* podemos identificar essa modificação ao ler: “Talvez porque as novas regras demandam feminilidade sobre músculo, muitas das ‘pros’ [atletas profissionais] pagaram por atenção extra para melhorar a sua aparência. Algumas delas tinham ajuda profissional”.¹³

¹³ Gary BARTLETT, 2005, p. 60.

Considerando as representações associadas à potencialização muscular feminina, entendemos que os investimentos das atletas possuem uma íntima relação com os lugares que ocupam em sociedade, uma vez que, ao longo do tempo, homens e mulheres vêm sendo classificados, nomeados e definidos pela “aparência dos seus corpos; a partir de padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura”.¹⁴ Atendendo às exigências e às ameaças da instituição esportiva, passaram a intensificar a incorporação de uma representação padronizada e pretensamente segura de sua feminilidade acoplando-lhe novos detalhes.

¹⁴ LOURO, 2004, p. 75.

Para produzirem a potencialização muscular e a aparência que o fisiculturismo exige, as atletas fazem um conjunto de investimentos direcionados aos cuidados com a aparência, o que lhes demanda novas preocupações. Algumas delas, por exemplo, recorrem à busca de patrocínios não só de fabricantes de suplementos alimentares, como também de clínicas de estética e cabeleireiros, pois sabem que, para obtê-los, precisam, sobretudo, manter o corpo forte, porém de modo comedido e evitando o excesso muscular.

Esse movimento indica a existência de uma compreensão quase linear e unívoca entre a relação que se estabelece do volume muscular com a manutenção ou produção da feminilidade. Isso significa dizer que quanto maiores os músculos, mais tensão esses corpos provocam; e quanto menores, menos se coloca em questão a sua construção. Segundo uma atleta da modalidade *figure*,

*A feminilidade tem importância fundamental nesses julgamentos. Uma pessoa de um grande grupo ligado ao esporte me falou que eles não querem mais vincular o produto a mulheres muito fortes, porque as mulheres que consomem os produtos deles não querem ficar tão fortes. Elas querem um corpo bem trabalhado, musculosinho, mais definido, saradinho. Elas falam fulana de tal é muito grande, e eu não quero ficar igual, então, não vou tomar aquele negócio ou comer aquilo. Então, eles acham que é uma propaganda negativa.*¹⁵

¹⁵ Sílvia Finocchi, em entrevista concedida em 7 de abril de 2008.

¹⁶ A NeoNutri Suplementos Alimentares patrocina sete mulheres atletas; destas, quatro disputam na modalidade *wellness*, uma na *fitness* e duas na *figure* (NEONUTRI, 2008).

Examinando alguns *sites*¹⁶ de empresas que patrocinam atletas, observamos que praticamente não há apoio para aquelas que disputam a modalidade *physique/culturismo*, ou seja, a que permite a extrapolação do volume

muscular. Grande parte dos investimentos está concentrada nas atletas de *toned figure/wellness* ou de *figure/body fitness*, que se constituem tendo como referência uma potencialização muscular leve, delicada e mais 'feminina'.

As fontes analisadas indicam, ainda, que há uma taxionomia produzida pelas próprias atletas envolvendo a dualidade feminilidade?masculinidade acerca dos corpos das competidoras, cuja fundamentação ancora-se, basicamente, no volume muscular e, também, na utilização de adereços diversos e no entorno que constitui a produção do corpo montado para ser exibido. Nessa taxionomia, as atletas de *figure/body fitness* posicionam-se e, em parte, são posicionadas pelas atletas das outras modalidades como mais femininas, visto que não possuem corpos potencializados tais quais os das atletas da modalidade *physique/culturismo*. Além disso, outra característica marcante dessa classificação é o investimento na acentuação de adereços que enunciam uma feminilidade normalizada, como podemos identificar em alguns depoimentos:

*Nós valorizamos muito a parte feminina, e a figure é muito feminina. Ela tem que estar uma boneca no palco, uma Susi musculosinha. Nós priorizamos muito a maquiagem, o cabelo, a tonalidade da pele, cuidar da pele para que não fique áspera, não tenha espinhas. A gente está sempre se cuidando, e isso faz parte do treinamento, faz parte da preparação, também, ter a unha comprida e bem pintada.*¹⁷

¹⁷ Silvia Finocchi, em entrevista concedida em 7 de abril de 2008.

A tendência no julgamento das categorias *Figure* daqui para a frente é de valorizar linhas mais femininas do que musculosas. Essa preferência foi mencionada no NABBA World 2005, em Natal, e mais uma vez neste Universe, e isso explica por que o Brasil tem tido tanto sucesso.¹⁸

¹⁸ Loana Muttoni vê o Universe 2005, publicado no *Musculação & Fitness*, n. 61, p. 12, 2006 (MUSCULAÇÃO & FITNESS, 2008).

As atletas do *figure* afirmam e reafirmam em discursos, textos e imagens a centralidade que ocupam no esporte, uma vez que proclamam que o músculo e a feminilidade podem constituir de modo harmonizado um corpo de mulher, sem produzir suspeitas sobre os atributos femininos que expõe. Por isso investem não só no delineamento muscular, mas, sobretudo, nos cuidados com a aparência, educando o seu corpo, a tonalidade da sua voz, as expressões faciais, os modos de se vestir e os seus gestos a serem executados.

Ainda que as atletas das diferentes modalidades protagonizem a cena esportiva, é possível perceber nos discursos e nas práticas produzidos no interior do fisiculturismo a permanência e a produção de corpos 'desviantes', representados por aqueles que não buscam incorporar em suas arquiteturas e aparências corporais as referências de

uma feminilidade padronizada e referente. A análise das fontes indica que, enquanto algumas atletas se sentem interpeladas para potencializar ao máximo dada feminilização nos seus corpos, para outras, esse investimento importa menos, o que faz delas, segundo aquelas representações, sujeitos fora das normas, conforme aponta a voz de uma das atletas de *figure*:

A figure e a fitness têm muito cuidado. A fisiculturista não tem muito isso, elas nem põem silicone. [...] Por isso é que a figure está aparecendo mais e começando a ficar mais conhecida, porque está começando a puxar o interesse do público. O público está começando a achar bonito. Não é como aquelas fisiculturistas que entravam descalças no palco. Nós não, temos que entrar de salto, toda cheia de brilho, fica mais feminino, mais bonito. Nós fazemos a coreografia sem salto, mas, para posar com o salto, a gente acaba aprendendo, treinamos bastante e acostumamos.¹⁹

¹⁹ Silvia Finocchi, em entrevista concedida em 7 de abril de 2008.

Tomando a perspectiva do feminismo pós-estruturalista para refletir sobre as diferentes representações de feminilidade que circulam no âmbito de esporte, Márcia Figueira indica que

[...] as femilidades que são designadas como anormais são exemplares para definir e estabelecer uma feminilidade normalizada, padronizada ou hegemônica. Ao se falar daquilo que foge da norma, se está a reiterar a norma de forma a parecer ser perfeitamente natural. Esse processo se dá através de práticas e discursos que conformam uma dada representação de feminilidade como a mais aceita e, por ser reconhecida como tal, torna-se a mais desejada.²⁰

²⁰ Márcia Luiza FIGUEIRA, 2008, p. 219.

Ao potencializarem ao máximo os seus músculos, algumas mulheres infringem as normas e, nessa lógica, produzem-se como sujeitos desviantes, cujos corpos volumosos perturbam e ameaçam as representações de feminilidade que estão no centro da cultura e também do próprio fisiculturismo. Quando outras feminilidades passam a ser admitidas e posicionadas como sujeitos, mais do que colocar em suspeição a representação primeira, produz-se uma mobilização que desacomoda todo um sistema de valores e aquilo que passa a ser questionado tem relação com a “noção de cultura, ciência, arte, ética, estética, educação, que, associada a esta identidade, vem usufruindo, ao longo dos tempos, de um modo praticamente inabalável, a posição privilegiada em torno da qual tudo gravita”.²¹

²¹ LOURO, 2003, p. 42.

Na esteira dessas ideias, percebemos que as atletas que participam tanto da categoria *physique/culturismo* quanto do *figure/body fitness* e do *fitness/miss fitness* desafiam e desassossegam certas representações de feminilidade e, por essa razão, a todo momento, são posicionadas como alvo de discursos e práticas que investem em diferentes estratégias para capturá-las e, de algum modo, interpelá-las para que marquem no seu corpo uma feminilidade normalizada. Contudo, como argumentamos anteriormente, elas reagem de modos diversos: algumas aderem totalmente a esses discursos, práticas e representações, outras em parte e algumas resistem e ignoram-nos.

A reincidência de discursos que reforçam certa normalização dos corpos das mulheres é recrutada para abrandar a ameaça da anormalização desses mesmos corpos quando muscularmente potencializados; como efeito, espera-se evitar o perigo de uma suposta masculinização e, inclusive, de suspeições sobre suas identidades sexuais.

Tomando como pano de fundo a teorização que ancora esta pesquisa, podemos afirmar que tal 'perigo' apenas se torna presente porque se assume como singular uma feminilidade uníssona que é produzida a partir de uma suposta essência feminina vinculada ao determinismo biológico e à anatomia dos corpos.

Contudo, importa destacar que, apesar de os discursos e as práticas colocarem o volume muscular feminino sob constante suspeição, tanto no próprio esporte quanto fora dele, muitas mulheres, desde há muito tempo, borram as fronteiras da muscularidade, indicando o quão elásticas são as construções dos seus limites corporais. Afinal,

é indispensável admitir, ainda, que o sujeito não é um mero receptor de pedagogias exteriores a ele, mas sim que ele participa, ativamente, deste empreendimento. Os discursos produzidos e veiculados pelos institutos oficiais de saúde, pelas revistas e jornais, pelo cinema, pela Internet ou pela moda certamente têm efeitos sobre seus corpos e mentes, mas seus efeitos não são previsíveis, irresistíveis e implacáveis. Os sujeitos não somente respondem, resistem e reagem, como também intervêm em seus próprios corpos para inscrever-lhes, decididamente, suas próprias marcas e códigos identitários e, por vezes, para escapar ou confundir normas estabelecidas.²²

²² LOURO, 2003, p. 4.

No universo do fisiculturismo essa percepção se mostrou muito fecunda, pois, à despeito das prescrições e das recomendações das instituições reguladoras dos eventos e das competições, muitas atletas investem pesado no aumento de seu volume muscular. Resistem, reagem e escrevem nos seus contornos corporais suas histórias pessoais,

cuja aparência nos possibilita visualizar outros modos de ser mulher e outras feminilidades. Nesse sentido, identificamos o esporte como um espaço propício para tensionar as representações de gênero, pois nele produzem-se corpos e subjetividades que desestabilizam as determinações biológicas, que apontam, por exemplo, para a representação culturalmente construída de que o excesso de músculo pode 'estragar' a mulher.

No entanto, na direção contrária, percebemos também o quanto se investe na recitação permanente da normalidade, ou seja, da constante afirmação, dentro desse esporte, de uma feminilidade posicionada como a referente em nossa cultura. Nesse âmbito, percebemos um movimento direcionado para a hipervalorização do feminino expresso, fundamentalmente, pelo que denominamos de 'cosmetologização do corpo', ou seja, o uso e abuso de artifícios voltados para a edificação de atributos considerados como pertencentes ao universo feminino.

A produção da hiperfeminilidade no fisiculturismo

Acompanhar a constituição do campo do fisiculturismo feminino entre os anos de 2005 e 2009 por meio da análise de diferentes artefatos criados pelo e sobre esse esporte nos permitiu apontar que circulam, no seu interior, discursos, representações e práticas que incentivam as mulheres a abusar no uso de cores, brilhos, formas, gestos, olhares e movimentos culturalmente tidos como femininos. Inscrever essas marcas nos corpos volumosos indica que algo está preservado; afinal, "julga-se o quão feminina é uma mulher também pela exterioridade do seu corpo".²³

As imagens das atletas sendo preparadas e preparando-se para as exposições denunciam os cuidados e os investimentos inscritos na produção dos seus corpos, visto que, para o fisiculturismo feminino, não basta potencializar os músculos, destacando-os nos corpos, mais do que isso, é imprescindível investir na 'cosmetologização' corporal e no requinte da toalete para disputar as competições desse campo esportivo. Essa preparação envolve desde a tonalização da pele, passando pela maquiagem, pelos cuidados com os cabelos e as unhas e pelas escolhas meticulosas dos modelos, dos tecidos e das cores dos biquínis usados nas apresentações, até os calçados de saltos altos e das joias e/ou bijuterias usadas para adornar os corpos nos momentos de exibição.

A análise das fontes de pesquisa indica que as atletas tonalizam os seus corpos para as disputas, seja com bronzeamento, que pode ou não ser artificial, seja com

²³ GOELLNER, 2003, p. 123.

corantes cutâneos específicos para dar a cor bronzeada à pele, e, ainda, quando permitido, utilizam óleo ou cremes com pigmentos dourados para deixar o corpo mais brilhoso, pois acreditam que assim os desenhos musculares ficam ainda mais destacados. Essa prática é comum, também, no fisiculturismo masculino, visto que um corpo de pele branca tende a perder a definição dos seus contornos quando estiver sob intensa luz disputando com outras/os atletas no palco a atenção da equipe de arbitragem. A tonalização é recomendada porque facilita a visualização dos contornos musculares, o que é complementada com a depilação completa do corpo, que visa, basicamente, melhorar a visualização da potencialização muscular.²⁴ Ainda notamos que algumas atletas costumam tonalizar também a face, enquanto outras preferem privilegiar o corpo e deixar a face com uma cor mais clara para evidenciar as cores utilizadas na esmerada maquiagem facial.

Percebemos que há no fisiculturismo modos diversos de colorir e ressaltar os detalhes do rosto, assinalando que as mulheres respondem de diferentes maneiras aos discursos que afirmam ser a maquiagem um dos marcadores da feminilidade referente ou tomada como normal. As atletas ora destacam os seus olhos, ora os seus lábios utilizando maquiagem com cores fortes e destacadas ou de tons suaves. Entretanto, raras são aquelas que deixam de lado esse artifício e, quando não utilizam a maquiagem, costumam privilegiar a homogeneidade da tonalização da pele do corpo inteiro, incluindo a face. Vale destacar que essa tentativa de hiperfeminilização atravessa e constitui todas as modalidades do fisiculturismo, inclusive a *physique* ou culturismo, em que são construídos os corpos femininos mais volumosos desse campo esportivo, produzindo efeitos que podem ser observados nas imagens das participantes da última competição do Ms. Olympia.²⁵

Cada vez mais são escassas as atletas que dispensam qualquer intervenção para acentuar detalhes faciais, disfarçar e esconder outros e construir artificialmente mais alguns – sobrancelhas desenhadas, cílios postiços, lentes coloridas para os olhos, maçãs da face salientes, boca volumosa. Em suma, há inúmeras possibilidades de intervir nos traços do rosto e a maquiagem é apenas uma delas, talvez a menos incisiva, na construção de um conjunto de detalhes que representam dado modo de ser feminina. Assim como a maquiagem ocupa lugar central, a preparação dos cabelos também constitui esse feixe de investimentos que apontam a requintada produção da aparência das atletas de fisiculturismo.

Muitas atletas esmeram-se em arranjá-los de modo especial para as competições, estratégia mais observada

²⁴ Arnold SCHWARZENEGGER, 2006.

²⁵ O Ms. Olympia foi criado em 1980 por George Snyder e organizado pela IFBB. Para participar da competição, as mulheres enviavam um currículo acompanhado de fotografias de corpo inteiro. Snyder escolhia aquelas que, sob o seu modo de olhar, eram potenciais modelos para os produtos do mercado *fitness*. Desde 1982, as competições passaram a ser promovidas pelos irmãos Weider, e o evento agigantou-se. Atualmente, o Olympia Weekend reúne competições de fisiculturismo masculino e feminino em todas as suas modalidades e também disputas que envolvem lutas e levantamentos de peso (MR OLYMPIA, 2008; BODY BUILDING, 2008). Imagens de atletas como Iris Kyle, Betti Adkins, Yaxeni Oriquen, Cathi LeFrancois e Betty Pariso, entre outras, podem ser vistas em HARD FITNESS, 2008.

²⁶ O quarto voltas constitui a primeira etapa de apresentação presente nas quatro modalidades de competição; em uma apresentação em grupos as atletas exibem os seus corpos de modo frontal, lateral e de costas, produzindo gestualidades específicas para visibilizar determinados grupos musculares, os quais são avaliados em função do volume, da definição e da simetria muscular pela equipe de arbitragem.

²⁷ Na rotina de poses a atleta apresenta a sua coreografia ao som de uma marcação musical, exibindo poses/gestualidades obrigatórias e outras criadas por elas mesmas. Esse momento é aguardado pelos/as espectadores/as, tendo em vista que as atletas que competem se esmeram em produzir efeitos na sua apresentação, medindo cada gesto e calculando a mínima expressão singela.

²⁸ Eugênio KOPROWSKY, 2006, p. 16.

em eventos realizados no exterior, porém cada vez mais presente nas disputas promovidas no país. Algumas delas chegam a mudar o penteado entre a sua exibição na etapa do quarto de voltas²⁶ e na coreografia individual,²⁷ ora prendendo, ora soltando os seus cabelos. Quando presos, utilizam pequenas presilhas coloridas ou com *strass*, ou elásticos coloridos, combinando com a cor do biquíni para fazer rabos de cavalo, tranças, entre outros. Algumas participantes fazem penteados mais sofisticados, utilizando apliques de cabelos, fazendo diferentes desenhos e formas que comumente são utilizados por algumas mulheres em festejos e solenidades tradicionais, em que o penteado acompanha o traje, também requintado. Outras atletas preferem os cabelos totalmente soltos, sejam lisos ou levemente encaracolados; para tanto, costumam utilizar aparelhos para modelá-los.

Interessa aqui observar que os cuidados com a preparação dos cabelos e a maquiagem não são avaliados nos campeonatos, conforme podemos observar na afirmação do presidente da National Amateur Body Building Association (NABBA Brasil):

Os principais fatores observados em campeonatos de musculação são: volume, proporção (simetria) e definição, que objetivamente definem o vencedor. O chamado "shape", ou seja, o fato de ser agradável à vista, é apenas um critério de desempate. O rosto não conta, mas pode ser considerado no conjunto, o tamanho da cabeça pode eventualmente influenciar no quesito simetria.²⁸

Apesar de os cuidados meticulosos com a maquiagem e a preparação dos cabelos não se constituírem em critérios a serem avaliados nas disputas, as atletas também cuidam de outros marcadores da feminilidade referente, dedicando-se à preparação das unhas das mãos exibidas no formato longo e coloridas com tonalidades fortes ou delicadas, assim como à cor dos trajes e à pedraria dos modelos que compõem a produção das atletas. Ainda, detalhadamente escolhem adereços para os cabelos, brincos, cordões, gargantilhas, anéis, braceletes, tornozeleiras e *piercing* usados nas apresentações. Toda essa preparação precisa ser complementada com uma cuidadosa escolha do modelo de calçados com saltos altos usados na primeira etapa de exibição – com exceção da modalidade *physique* ou culturismo –, geralmente com plataforma, saltos finos e em acrílico incolor.

Todos esses investimentos sugerem que, se o músculo pode produzir dúvidas acerca do sexo, pois são os sinais exteriores que identificam os sujeitos, nada mais produtivo

²⁹ Berenice BENTO, 2003, p. 3.

do que insistir e acentuar outros componentes da aparência, afirmando e reafirmando um modo singular de ser mulher, hiperfeminilizando-a. Afinal, “o gênero adquire vida através das roupas que cobrem o corpo, dos gestos, dos olhares, de uma estilística corporal e estética definida como apropriada”.²⁹ Para apagar suspeitas, nada mais conveniente do que fazer insistentemente ressaltar aquilo que discursivamente representa a normalização das aparências, ou seja, um modo apropriado de parecer mulher.

Acompanhemos o depoimento de duas atletas acerca dessa produção e de suas escolhas estéticas:

³⁰ Cláudio PEÇANHA, 2008, em depoimento à Body Building Brazil.

Já iniciamos a escolha das músicas; definimos cor, modelagem e tecidos para os biquínis; e já me pergunto também o que fazer com o cabelo. Estranho? Mas é a pura verdade! É necessário mostrar que, apesar de ter optado por ser uma mulher com músculos, não deixo de ser feminina e não perco a sensualidade.³⁰

³¹ Roberta Gomes, em informação publicada no Orkut em 2008.

Nem hipertrofia excessiva, nem movimentos acrobáticos de extrema dificuldade; apenas uma figura de mulher com sua beleza valorizada por todos os acessórios femininos de sua preferência, como saltos bem altos, muitos brilhos e muitas cores, cabelos longos, biquínis no modelo fio dental valorizando a musculatura dos glúteos; desfilando no palco sua consciência de mulher segura e confiante.³¹

As imagens e os discursos que integram a composição de fontes investigadas indicam que as escolhas que as atletas fazem e aquilo que move as suas decisões assinalam a produção de práticas que reafirmam a necessidade de eleger peças, cores e formas que indiquem representações de feminilidade tomadas como adequadas. Essas escolhas constituem-se em modos de assegurar que, mesmo com a potencialização muscular, os atributos que correspondem a ‘uma mulher feminina’ não escapam às atletas, tampouco podem ser perdidos. Como se pode observar, a feminilidade e a sensualidade são representadas e discursivamente construídas como algo constitutivo e próprio da mulher. Assim, mais uma vez desponta a representação que naturaliza as características e o modo de ser e parecer feminina absolutamente visível na montagem que fazem de si mesmas para se exibirem tanto na apresentação coletiva quanto nos confrontos.³²

³² A apresentação coletiva, semelhante aos concursos de Miss, diz respeito à entrada ao palco em forma de coluna única que as atletas fazem ao iniciar a competição. E o confronto de poses é a terceira etapa competitiva em que a equipe de arbitragem solicita que três ou mais atletas tomem o centro do palco e exibam determinados grupos musculares.

Esses cuidados extremados com a aparência parecem, muitas vezes, dissonantes de uma situação esportiva em que o volume, a definição e a simetria corporal são pontuados. Além disso, a beleza facial não se constitui em um requisito, embora possa partilhar da avaliação geral da atleta. Examinando esse peculiar contexto esportivo,

acreditamos que, em muitas competições, cada vez conta menos a potencialização muscular e mais se avalia a reafirmação das representações de uma feminilidade normalizada, pois essas estratégias estão naturalizadas como constituintes do universo feminino. Diante dos discursos e das ameaças da International Federation of Body Building, a toalete requintada tem conquistado cada vez mais espaço nas competições nacionais e internacionais, principalmente no Ms. Olympia.

Esse detalhamento denota um minucioso cuidado com a aparência. Fora do esporte também evidenciamos tais cuidados, pois, de um modo ou de outro, “investimos muito sobre os nossos corpos. De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos”.³³

Uma outra prática relacionada ao reforço ou à preservação de uma imagem feminina está relacionada ao uso de cirurgias estéticas e à utilização de próteses de silicone, o que pode ser identificada em todas as modalidades do fisiculturismo. Os efeitos dos intensos treinamentos, das dietas extremamente restritas e do uso de substâncias químicas para potencializar os músculos reduzem a gordura que dá forma às mamas, levando as mulheres a aderirem aos seios artificiais. Também não é possível desconsiderar que os seios femininos volumosos foram e são discursivamente posicionados em nossa sociedade como um dos atributos centrais da representação da beleza e da sensualidade femininas.

Muitas atletas acabam sendo interpeladas por esses discursos e recorrem às cirurgias estéticas para recuperar uma das características corporais centrais para a mulher que faz ruir certas suspeições acerca do seu corpo, marcando nele os códigos convencionais de um jeito feminino de ser. Tal intervenção parece relacionar-se com o recorrente temor de que a mulher rompa algumas barreiras que delimitam as diferenças culturalmente construídas para cada sexo, o que parece indicar como imperiosa a sua feminização, caso contrário, diz o discurso dominante, ela estará se masculinizando. Feminizar a mulher é, sobretudo, feminizar a sua aparência e o uso do seu corpo.³⁴

Feminizar é, também, adornar o corpo, inclusive com tatuagens em que as atletas desenharam na pele figuras tribais, flores, borboletas e pequenas inscrições. No fisiculturismo é possível perceber que elas tatuam os corpos em lugares em que não há grandes grupos musculares e em pequenos espaços que ficam escondidos sob o biquíni ou maiô: lateral dos seios, pescoço, lateral dos tornozelos ou do quadril, região lombar, entre outros. Esses espaços são

³³ LOURO, 2001, p. 15

³⁴ GOELLNER, 2003.

escolhidos por não oferecerem riscos às avaliações da sua arquitetura corporal, uma vez que, segundo as normas da International Federation of Body Building, a tatuagem é tomada como um defeito corporal. No entanto, para as competições, elas buscam cobrir o máximo possível esses desenhos para que não ameacem a avaliação de seus contornos musculares.

Enfim, práticas de embelezamento como as aqui detalhadas indicam que, em algumas modalidades esportivas, as mulheres podem participar, entretanto é recomendável que não deixem de lado a beleza e a graciosidade, atributos colados a uma suposta 'essência feminina'. No caso do fisiculturismo feminino, esses atributos assumem uma dimensão ainda não vista em outras modalidades esportivas e acentuá-los constituiu-se parte da produção dos corpos para fazerem o espetáculo.

Esses meticulosos detalhes na produção do corpo para ser exibido constituem-se em mais um elemento adicionado àquilo que estamos chamando de 'hiperfeminilidade normalizada', que opera na insistência e na sobreposição de cuidados na produção da aparência dos corpos, afirmando e reafirmando uma feminilidade padronizada. Esse investimento acaba quase que deixando em segundo plano a centralidade que o músculo definido e tonificado historicamente assumiu no fisiculturismo, embaralhando, desviando e direcionando o olhar também para as marcas socialmente naturalizadas como femininas. As análises que produzimos apontam que está em processo de constituição um novo centro cujo foco mistura a potencialização muscular e a acentuação de dada feminilidade, produzida em meio a músculos, maquiagens, cabelos arrumados, corpos cuidadosamente tonalizados e unhas pintadas. Assim, é possível dizer que quanto mais os corpos femininos potencializados saem do centro e da referência, movimentando-se para as margens, mais intensos e amplos são os investimentos para remetê-los novamente ao centro.

Tanto nos eventos produzidos pela International Federation of Body Building quanto naqueles ligados à National Amateur Body Building Association, as perspectivas que incentivavam a potencialização muscular feminina levada ao máximo de suas potencialidades estão abrando essas possibilidades infinitas. Cada vez mais a produção da feminilidade toma espaço nas competições e vencem as disputas aquelas mulheres que possuem músculos definidos de acordo com a modalidade e que não deixam dúvidas acerca das marcas que as identificam como mulheres e feminis.

Dessa perspectiva, a gestualidade também possui um lugar privilegiado nas exibições das atletas. Neste

momento, não estamos fazendo referência aos gestos obrigatórios que constituem cada modalidade, mas sim àqueles que são pensados como movimentos de transição entre uma pose obrigatória e outra, os quais são marcados pela delicadeza, pela suavidade e pela sensualidade na condução e na exibição das arquiteturas corporais, mostrando-se mais fortemente nas coreografias individuais. São movimentos ondulatórios com os ombros e os quadris, a finalização de movimentos com a ponta dos pés, delicados gestos com as mãos, modos de olhar para os espectadores, de movimentar a cabeça, de posicionar pernas, mãos e pés – todo um conjunto de pequenos detalhes que convergem para a representação da feminilidade normalizada, porém, pela sua peculiaridade, muitas vezes escapam a uma descrição.

Os detalhes na composição dos gestos também são pensados como mais um elemento a compor o feixe de discursos e práticas produzidos, que também geram certo modo de parecer mulher. Essas prescrições e investimentos que educam os corpos a representar dada feminilidade apontam, sobretudo, que as feminilidades são construídas e marcadas pela multiplicidade, o que nos faz lembrar que “não existem corpos livres de investimentos e expectativas sociais”.³⁵

³⁵ BENTO, 2003, p. 1.

Ao analisarmos a construção das diferentes feminilidades que o fisiculturismo produz, destacamos que está em curso uma tentativa de atenuar a potencialização muscular feminina, produzindo corpos ajustados aos discursos e às representações que assumem que o músculo não estraga o corpo de mulher, desde que ele seja comedido, e mais, que o seu invólucro chame mais atenção do que ele. Isso significa dizer que a preparação dos cabelos, a maquiagem, os cuidados com as unhas, o tom da pele, os trajés em cores e os bordados destacados, os brincos, os anéis, as pulseiras, os saltos altos e os gestos precisam sobressair-se ao músculo; no mínimo, precisam deixar esses corpos marcados pelo uso excessivo de artifícios que afirmam e reafirmam sua hiperfeminilidade normalizada. Nessa direção indicamos que as atletas da potencialização muscular desmontam as justificativas biologicistas que ancoravam as diferenças entre homens e mulheres e suas arquiteturas corporais se mostram visíveis como uma “declaração de rebelião contra essa visão e contribuem para alargar a redefinição de masculinidade e feminilidade corrente em sociedade”.³⁶

³⁶ BOLIN, 2001, p. 144.

Algumas considerações

O esporte, como qualquer outra prática social, é um campo de disputa de poderes e significações inclusive no

que respeita às questões de gênero. O fisiculturismo feminino mostrou-se como um campo fecundo para tal percepção, na medida em que mulheres que dele participam borram fronteiras e transbordam os limites culturalmente produzidos em função da sua constituição corporal. Seus corpos evidenciam o desmoronamento das distinções, das hierarquias e das classificações entre mulheres e homens ancoradas nas diferenças biológicas. Ao produzirem diferentes arquiteturas corporais, elas comprovam que, tanto hoje quanto ontem, o corpo não é um destino, tampouco uma linha divisória e um território limitante, mas uma possibilidade e uma escolha em favor de um ponto de apego móvel e momentâneo, passível de distintas transformações.

Sobre os corpos incidem discursos e representações produzidos pela instituição esportiva que pressionam e interpelam as atletas para que elas inscrevam e acentuem em si uma feminilidade normalizada, lançando mão de uma toalete requintada que beira ao exagero e sugere uma produção superlativa de dada feminilidade. Apesar desses investimentos, apontamos que essas mulheres afirmam e reafirmam em seus corpos não um modo de ser feminino, mas distintas possibilidades de ser e viver as feminilidades. Mesmo desejando inscrever nas suas arquiteturas representações naturalizadas do que parece ser próprio das mulheres, elas produzem justamente o desmantelamento dessa suposta essência feminina. Embora pouco se posicionem como sujeitos de suas ousadias, as atletas da potencialização muscular acenam e marcam nos seus corpos uma multiplicidade de modos e jeitos de se constituírem e parecerem mulheres e sugerem com as suas desobediências que o músculo não estraga a mulher, desde que a potencialização muscular não seja levada ao máximo de suas possibilidades.

Nos artefatos culturais visitados, a análise de imagens e textos sugeriu que as arquiteturas corporais foram e são exibidas tal qual uma instalação artística. Os corpos, muitas vezes revelados nos mínimos detalhes, parecem desconsertar a matemática das suas formas, constituindo-se no próprio espetáculo. Dessa perspectiva, discursos apontam que esses corpos também escapam do território esportivo – foco deste estudo –, emergindo em espaços em que a potencialização muscular feminina se produz, se exhibe e é exibida de modo erotizado. Nesse contexto, os discursos, as práticas e as representações enunciam a pluralidade dos corpos e assinalam que corpos produzidos para fins esportivos podem ser recuperados em outros espaços, produzindo novas representações, desejos e fantasias. Em suma, sugerem novos vestígios e rastros que apontam serem múltiplas as representações de gênero.

Referências

- BARTLETT, Gary. "20% less 100% better: Ms International 2005." *MuscleMag International*, USA, Aug. 2005. Disponível em: <<http://www.musclemag.com/>>. Acesso em 20 dez. 2005.
- BENTO, Berenice. "Transexuais, corpos e próteses". *Labrys: Estudos Feministas*, n. 4, ago./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.tanianavarrosowain.com.br/labrys/labrys4/textos/berenice2mf.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2005.
- BODY BUILDING. Disponível em: <www.bodybuilding.com/fun/weik24.htm>. Acesso em: 16 ago. 2008.
- BODY BUILDING BRAZIL. Disponível em: <www.bodybuildingbrazil.com>. Acesso em: 25 out. 2008.
- BOLIN, Anne. "Bodybuilding." In: CHRISTENSEN, Karen; GUTTMANN, Allen; PFISTER, Gertrude (Org.). *International Encyclopedia of Women and Sports*. New York: Macmillan Reference, 2001. p. 146-152. v. 1.
- BORGES, Maria de Lourdes. "Gênero e desejo: a inteligência estraga a mulher?" *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 449-461, set./dez. 2005.
- DOBBINS, Bill. *Women's Bodybuilding: A Revolution in Progress*. Disponível em: <<http://www.bodybuilding.com/fun/billdobbins8.htm>>. Acesso em: 8 abr. 2005.
- FIGUEIRA, Márcia Luiza. *Skate para meninas: modos de se fazer ver em um esporte em construção*. 2008. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- GALBRAITH, Christiano. "The Iron News." *Jornal de Musculação e Fitness*, n. 58, p. 18, 2005.
- GOELLNER, Silvana. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*. Ijuí: Unijuí, 2003.
- GOMES, Roberta. Disponível em: <<http://www.orkut.com.br>>. Acesso em: 12 dez. 2008.
- GUEDES, Dilmar. *Musculação: estética e saúde feminina*. São Paulo: Phorte, 2005.
- HARD FITNESS. Disponível em: <www.hardfitness.com/olympia2008.html>. Acesso em: 16 ago. 2008.
- JOHNSON, Richard. "O que é, afinal, estudos culturais?". In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 7-132.
- KOPROWSKI, Eugênio. "Considerações sobre a arbitragem". *Jornal de Musculação e Fitness*, n. 62, p. 16, 2006.
- LOURO, Guacira Lopes. "Pedagogias da sexualidade". In: _____ (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-34.

- _____. "Currículo, gênero e sexualidade: o 'normal', o 'diferente' e o 'excêntrico'". In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 41-52.
- _____. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- TERO, Rosa. *Histórias de mulheres*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- MR OLYMPIA. : <www.mrolympia.com/2008/event-schedule.htm>. Acesso em: 16 ago. 2008.
- MUSCULAÇÃO & FITNESS. Disponível em: <<http://www.jmfbrasil.com.br/>>. Acesso em: 12 dez. 2008.
- NEO NUTRI. Disponível em: <www.neo-nutri.com.br>. Acesso em: 22 dez. 2008.
- ORKUT. Disponível em: <<http://www.orkut.com.br>>. Acesso em: 12 dez. 2008.
- PEÇANHA, Claudia. Disponível em: <www.bodybuildingbrazil.com>. Acesso em: 25 out. 2008.
- SCHWARZENEGGER, Arnold. *Enciclopédia de fisiculturismo e musculação*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

[Recebido em 14 de junho de 2010
e aceito para publicação em 14 de setembro de 2010]

Does the Muscle Damage a Woman? The Production of Femininities in Bodybuilding

Abstract: *This paper analyzes the relationship between muscle potentiation and representations of femininity involved in bodybuilding. It is anchored in cultural studies and aspects of the poststructuralist feminism establishing a dialogue with the theories of Michel Foucault. The results of the analysis indicate that there is an investment in bodybuilding so that the female athletes preserve cultural attributes related to a normalized representation of femininity. However, this recommendation does not reach all the female athletes the same way. Some of them are caught by this speech, others react and resist indicating that a muscularly potentiated body architecture does not ruin the woman. On the contrary, it is seen as another femininity which questions, therefore, the binary representations of gender.*

Key Words: *Gender; Sport; Bodies; Femininities; Bodybuilding.*